

O trigo virá do cerrado

PAULO MOTTA

Ocupando 180 milhões de hectares de terras antes improdutivas, aproximadamente um quinto da área total do País, os cerrados brasileiros, até bem poucos anos atrás, eram considerados inadequados para a agricultura.

O tempo e o homem, em pouco mais de uma década, mudaram as feições de cerrado. As árvores baixas e retorcidas, o solo ácido e de pouca fertilidade e os chapadões de baixo valor comercial, nesse curto espaço de tempo, sofreram profundas transformações, cedendo espaço para modernas lavouras de soja, café, arroz, milho, feijão e, mais recentemente, o trigo, ocupando as terras ociosas, no outono e inverno.

Quando ao trigo, particularmente nossa dependência externa, ainda hoje, é bastante significativa, pois a safra nacional responde por apenas 40% do que consumimos e, depois da conta petróleo, é o segundo produto em nossa pauta de importações.

Originalmente cultivado em maior escala no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e região centro-sul do Paraná, no início da década de 70, o trigo migrou para o norte e oeste do Paraná, depois para São Paulo e Mato Grosso do Sul e, por último, instalou-se em várias regiões do Brasil Central — terras de cerrado (MG, GO, DF, MT e BA), além de outras no Estado de São Paulo.

A par das baixas produtividades alcançadas no Sul do País — rendimento médio em torno de 900 kg/ha — os problemas de sanidade associados a fatores climáticos adversos, muito contribuíram para o deslocamento da cultura para terras de cerrado do Brasil Central.

Nesta nova morada — zona tipicamente tropical — onde as estações, das chuvas e da seca, são bem definidas, o trigo apresenta perspectivas de produção altamente promissoras, tanto no que se refere ao trigo de sequeiro, plantado de janeiro a meados de março, quanto em relação ao trigo irrigado, cujo plantio se dá nos meses de abril ou maio. Em ambos os casos, dada a relativa estabilidade das condições climáticas, a incidência de algumas doenças é bem menor do que aquela verificada nas áreas tradicionais de produção do País e, por esta mesma razão, o cerrado se destaca como área potencial para a produção de sementes.

Naturalmente, as dificuldades encontradas para a introdução do trigo em regiões de cerrado foram muitas. Apesar da pesquisa já estar realizando trabalhos na região há mais de quatro décadas, o interesse do produtor pelo plantio da cultura de sequeiro em escala comercial, só veio a ocorrer por volta de 1976, na região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais, quando foram implantados aproximadamente mil hectares. Já a cultura irrigada é bem mais recente, e foi iniciada na década de 80, a partir do incentivo dado pelos programas PROFIR e PRO-

VARZEAS.

De lá para cá, a ampliação da área cultivada e a elevação dos índices de produtividade cresceram de forma extremamente significativa, graças ao trabalho desenvolvido pelos produtores, cooperativas, pesquisa, assistência técnica e agentes de crédito, pois, pouco se sabia até então sobre trigo no cerrado e, muito menos ainda, a respeito da adequação das variedades existentes às novas condições de solo e clima encontrados no Brasil Central. Hoje, existe toda uma tecnologia disponível e a assistência técnica oferece as condições necessárias para estimular e apoiar a produção.

Foi a partir dessas experiências bem-sucedidas, seja em campos pilotos, seja em lavouras comerciais que, em março de 1982, o Ministério da Agricultura decidiu-se a criar os Distritos Triticolas, onde foram apontadas ações de curto prazo para as áreas onde já se havia obtido bons resultados com o cultivo de trigo e, ações de médio e longo prazos, para aquelas regiões potencialmente capazes de responderem a essa mesma finalidade, mas que, atualmente, ainda carecem de infra-estrutura básica de produção ou mesmo de recomendação da pesquisa. Colhida a primeira safra a partir do lançamento desse esforço conjunto da pesquisa e assistência técnica — plantios de sequeiro e irrigado — os resultados superaram, em muito, as melhores expectativas até então formuladas.

Considerada até pouco tempo imprópria para a produção de trigo, a região produziu na safra de 1983 aproximadamente 50 mil toneladas, ou seja, 2% da produção nacional. Resultado pouco expressivo se comparado com a produção global do País, mas relevante se for considerada a recente implantação da cultura e os excelentes resultados de produtividade alcançados, acima de 1.800 quilos por hectare no sequeiro e 3.000 quilos no irrigado. Além disso, a qualidade obtida supera, inclusive, o trigo que importamos.

A nova fronteira não irá substituir o cultivo do trigo nas áreas tradicionais e sim complementá-lo. O Brasil importa, hoje quatro milhões de toneladas, 60% do seu consumo, e necessita ampliar, ainda muito, o volume de produção própria, independentemente da área em que esta venha a ser produzida.

Os trigais, em futuro próximo, darão nova feição à tradicional paisagem dos cerrados, especialmente na estação da seca. As áreas atualmente cultivadas com o cereal, já asseguram sua viabilidade técnica e econômica.

O desafio à capacidade de trabalho dos produtores, técnicos cooperativas e governo está lançado. A redução de nossa dependência externa em relação ao trigo está sujeita, agora, às benesses do cerrado.

* Paulo Motta, jornalista, é Assessor de Comunicação Social da Cobal e trabalha nos programas Provárzeas e Profir do MA.